

# JOURDAN

Ensaio bibliográfico, lido pelo **General V. BENÍCIO DA SILVA**, no salão do Instituto Histórico, em sessão realizada no dia 28 de Janeiro pelo Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Ardua tarefa esta de fazer renascer do olvido uma figura que deixou apenas traços de sua personalidade, em documentos esparsos, não compendiados, dispersos ao sabor das contingências de uma vida atribulada.

E o próprio biografado agrava a angústia do biógrafo, quando se escuda em invencível modéstia, aquí e além contrariada pelas obras que surgem e o trazem à incontestante evidência.

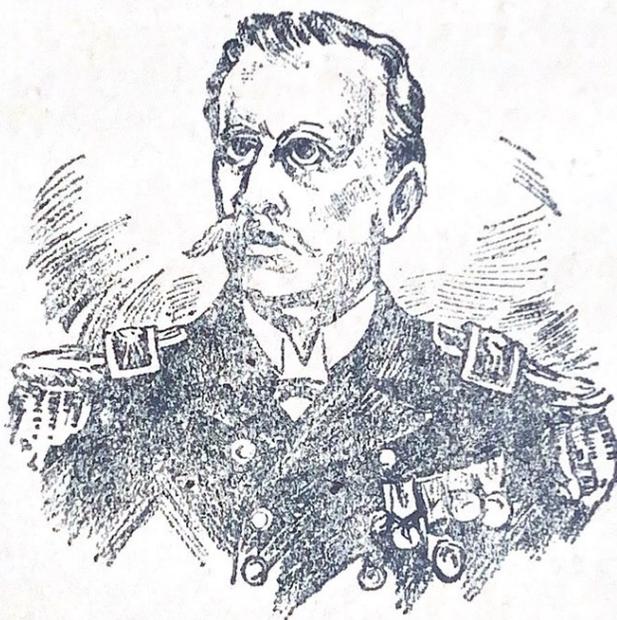
Não fôra o concurso de um descendente dedicado, e a apresentação do patrono da cadeira que me foi dada neste Instituto — o Coronel Emílio Carlos Jourdan — não passaria da exposição de seus trabalhos e de algumas frases de inexpressiva retórica.

Salvou-me do difícil transe o Tenente-Coronel Rodolfo Augusto Jourdan, o filho mais novo do Coronel Jourdan, o filho que contava apenas quatro anos na época do seu falecimento. Oficial de Estado Maior, figura distinta e austera, cabe-lhe o direito e o dever de reconstituir a história de seu progenitor e completar o que eu aquí esboçarei.

Nasceu Emilio Carlos Jourdan na Bélgica, em 19 de Julho de 1838.

Procurando no Brasil uma nova pátria, aquí chegou ainda moço, estuante de vida, no momento em que o país exigia o esforço dos adeptos da liberdade e, com tantos outros, naturalizou-se brasileiro e seguiu para a campanha contra a tirania que imperava no Paraguai e pretendia expandir-se pelo sul da América.

Como sargento, o jovem engenheiro alistou-se voluntariamente no Corpo de Engenheiros Militares e rumou para o campo da luta com os primeiros elementos do nosso Exército. E em 5 de Outubro de 1865, já em Itapirú, foi nomeado alferes para a Companhia de Sapadores. (Ordem do dia n. 85, de 2-VII-1886, do Cmd. do Corpo do Exército).



Cel. Emilio Carlos Jourdan

Passam-se mais dezesete meses e, em Tuiuti, é comissionado em tenente, a 3 de Março de 1867 (Ordem do dia n.º 49).

Em 1868, a 11 de Dezembro, o Marechal Duque de Caxias o promove por bravura ao posto de 2.º tenente de artilharia. E o Marechal Conde d'Eu, em 16 de Agosto de 1869, elevou-o, também por bravura, ao posto de 1.º tenente.

Terminada a guerra, em que batalhou durante os cinco anos, deixou o Exército, continuando o govêrno do Brasil a aproveitar seus serviços em outras comissões.

E tais foram os seus serviços à pátria adotiva, que o Marechal Deodoro concede-lhe título de tenente-coronel honorário, e o Marechal Floriano o eleva ao posto de coronel.

Ainda com as honras desse posto faleceu em 8 de Agosto de 1900.

Tal é o ciclo da vida do soldado: ativa e vibrante durante os cinco anos de guerra; obscura e apenas galardoada com títulos honoríficos, durante trinta anos de paz internacional.

Qual o motivo que o levou a deixar o Exército após a Guerra do Paraguai, não o sabemos. Certo teria sido um dos generais da República se nele houvesse continuado. Para tanto não lhe faleciam credenciais, inclusive sua dedicação ao novo regime político, a que prestou relevantes serviços.

Quais eram essas credenciais? Enumeramo-las:

1.º — Um árdua campanha de 5 anos, sem interrupção, toda ela pontilhada de atos de bravura que lhe valeram promoções sucessivas, de sargento a 1.º tenente.

2.º — Das condecorações, conquistadas nos campos de batalha, essas brilhantes comendas, cujo valor material entre nós é quasi nulo, cujo valor moral é um eloquente atestado de que em certo momento foram dignos de menção os serviços prestados. São estas, consoante atestado da família, as que ornaram o peito do bravo soldado:

a) Medalha com passador, de 11 de Dezembro de 1868, “Al valor y a la constancia”. Concedida pela Nação Argentina.

b) Medalha com passador — “Recompensa à bravura militar”. Decreto de 25 de Março de 1868. Do Exército em operações contra o Govêrno do Paraguai. Passador de 27 de Dezembro de 1868.

c) Medalha de ouro — “Campanha do Paraguai” — 1865-1870. Parrador n.º 5.

d) Medalha “A las virtudes militares”, República Oriental do Uruguai. 1865-1869.

e) Medalha “Combate Naval do Riachuelo”, 11 de Junho de 1865.

f) Medalha “Uruguaiana”, de 18 de Setembro de 1865.

- g) Passador de prata, 21 de Abril de 1868.
- h) Passador de prata, 6 de Dezembro de 1868.
- i) Passador de prata, 25 de Dezembro de 1868.
- j) Ordem da Rosa, cavaleiro, pelos serviços prestados nos combates do ano de 1868 e na campanha das Cordilheiras.

3.º — Uma longa série de comissões e trabalhos executados, testemunhos fidedignos de que não foram conquistados por empenho pessoal, mas por méritos reais, as graduações militares, as recompensas e títulos honoríficos acima enumerados.

Foi um dos componentes, como oficial, do 5.º Regimento de Artilharia Montada, aquele corpo que tanto se distinguia e hoje ostenta com orgulho o título de “Regimento Mallet”.

Membro da Comissão de Engenheiros, o seu nome aparece em quasi todas as obras de engenharia executadas no Paraguai pelo Corpo de Engenheiros do Exército Brasileiro. Não nos furtamos à enumeração desses trabalhos, registrados em nossa história militar:

a) Na noite de 2 para 3 de Setembro de 1866 — como oficial, fez parte dos engenheiros que construíram com os sapedores, sob o fogo inimigo, uma posição para localização de uma bateria (6 bocas de fogo) do Regimento Provisório de Art. a Cavallo, afim de manter o terreno e a cabeça de ponte que elementos do 2.º C. Exerc. (Acampado em Itapirú), após transporrem o rio, tinham preparado face ao forte de Curuzú, armado com 13 bocas de fogo e boa guarnição.

b) De 16 para 17 de Setembro de 1866, durante a noite, o Corpo de Pontoneiros, sob a direção de seus oficiais, começou a levantar uma Bateria para 12 canhões, a cerca de 400 braças de distância do formidável baluarte defensivo do inimigo em Curupaití. Hostilizado ininterruptamente pelo inimigo foram os pontoneiros atacados a 19, mas mantiveram a posição apenas com o reforço de 50 cavalarianos.

c) Em Curuzú explorou a região do Chaco.

d) Levantou a planta do caminho dos espias que desde Humaitá, passando por Curupaití e Curuzú, fôra aberto pelo inimigo até Lagôa Pires.

e) Levantou a planta das Baterias do Curupaití, do Humaitá Chico e até o Souce.

f) Tomou parte na ocupação da Ilha de Redenção (5 de Abril de 1866), sob o comando do Tenente-Coronel Vilagram Cabrita.

g) Esteve em Curuzú (Março de 1866) durante todo o período agudo por que passou o 2.º C. Exerc., acossado pelo colera, terrenos pantanosos, exalações pútridas dos cadáveres, combates, bombardeios diários, febres intermitentes, em que a morte ceifava uma média de 150 homens por dia.

h) Tomou parte na construção do forte do 4.º Bat. de Art. em Tuiú-Cué (2 de Novembro de 1866) e combateu em Tuiutí no Corpo de Pontoneiros na trincheira do Comércio, em 3-11-1866.

i) Em 26 de Setembro de 1866, foi um dos que iniciaram a exploração para a construção da grande estrada do Chaco, obra gigantesca da Engenharia Brasileira, por onde foi feita a grande manobra desbordante. Tomou parte na construção sob a direção do Coronel Gustavo Galvão, trabalho cuja duração foi de 23 dias.

j) Em 6 de Dezembro de 1866 — tomou parte no combate de Itororó sob o comando direto do Coronel Fernando Machado, encarregado com Lassance da construção de 2 picadas até a margem do rio.

k) Conforme a parte do comando da 11.ª Brigada de Infantaria, sob o comando do Coronel Fernando Machado de Souza, acampada em Potreiro Pires, em 22 de Março de 1868, na vanguarda do 2.º C. Exerc., tomou parte em um reconhecimento a viva força sobre as fortificações inimigas em frente a Tuiutí, em cuja ordem é dado o seguinte conceito: "Por sem dúvida que praticaria eu uma injustiça se omitisse nesta parte os nomes do Tenente coadjuvante da comissão de engenheiros Jourdan, que

também explorou a vereda e debaixo de cuja direção se abriu a picada, o que muito trabalhou e com muita distinção”.

l) Em 22 de Março de 1868, no Acampamento Potreiro Pires — fez parte do reconhecimento a viva força sobre as fortificações inimigas em frente a Tuiuti, sob o comando do Coronel Fernando Machado de Souza.

m) Em Junho de 1869 — na Campanha das Cordilheiras (dia 24) levantou e reconheceu o trecho da Lagôa Ipacará-rio Salado e curso do Paraguai até Manduvirá.

n) Em 5 de Agosto de 1869, marchou com a Brigada de Infantaria do Coronel Francisco Lourenço e abriu uma picada paralela ao desfiladeiro, de 250 m à direita da estrada.

o) Em 7 de Agosto de 1869, acompanhou a divisão do Coronel Bueno a Peribebuí, fazendo reconhecimento e esboços da região.

p) Em 26 de Outubro de 1869, tomou parte na construção das comunicações entre S. Joaquim e Capivari.

2) Em 19 de Novembro de 1869 prosseguiu no alargamento da mesma estrada.

Aí tendes o soldado e aí tendes a obra por ele realizada, labor fecundo e incontestado, exercido em condições dolorosas, vencendo obstáculos que pareciam invencíveis, realizando o que parecia irrealizável, ele, nascido em outras plagas, ao lado dos brasileiros fazendo quanto os que mais o fizeram e muito mais do que aqueles que pouco realizaram.

Reafirmamos, portanto: houvesse Jourdan continuado no Exército e teria sido sem favor um dos generais da República.

\* \* \*

Vejamos agora o que mais interessa a este Instituto: sua fecunda operosidade nos domínios da geografia e da história militares.

Três trabalhos impressos legou à Pátria adotiva o Coronel Emílio Carlos Jourdan: um resumo da Guerra do Paraguai, o

Atlas Histórico da mesma campanha, ambos editados em 1871, e a História das Campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai, editada em 1893.

Os dois primeiros foram publicados como obra única, composta do texto e atlas. Mas de fato são obras diferentes, pois enquanto o atlas é uma preciosa coleção de mapas executados pela comissão de engenheiros de que fazia parte Jourdan, aquele, o texto, é um resumo de toda a guerra do Paraguai, trabalho exclusivamente seu e valiosíssimo, a primeira obra publicada ao terminar a guerra, pois o prefácio é datado de 31 de Março de 1870, exatamente 30 dias após a morte de Lopez em Cerro Corá.

Examinemos cada um desses trabalhos.

a) *Guerra do Paraguai* (texto).

Para um estrangeiro, talvez ainda pouco conhecedor da história, do ambiente, das gentes da pátria adotiva, certo pouco versado no idioma nacional, e de súbito lançado a uma campanha longínqua, em terra ainda mais estranha, longe de qualquer recurso de ordem intelectual, isolado no meio de multidão desconhecida, sua obra não pode ser considerada falha, imperfeita, omissa. E', ao contrário, documento precioso, o primeiro a que recorreram os estudiosos do ano 70, imprescindível aos que ainda hoje procuram informes dignos de crédito, soluções e divergências entre historiadores em conflito.

b) *Atlas histórico da guerra do Paraguai*.

Aí o tendes desdobrado, à vossa vista.

São 17 folhas, contendo 40 mapas, esboços, desenhos, perfis panorâmicos, todos minuciosamente anotados, com preciosos dados estatísticos e históricos.

Muitos desses trabalhos são de sua exclusiva autoria, outros são obras em que colaborou, como tenente da Comissão de Engenheiros. Historiadores eu vejo aqui presentes e, melhor do que eu, dirão eles do valor deste atlas. Páginas e páginas de história

terão saído do silêncio expressivo e eloquente de cada um destes desenhos.

E o que valem eles bem podemos avaliar por estas simples palavras do autor: sua população, seus recursos, a topografia do seu território, tudo, tudo era desconhecido” (Guerra do Paraguai, pag. 8).

Avaliai, portanto, esta obra, toda ela efetivamente feita em campanha, com os elementares recursos da época, reduzidos ao mínimo porque a nossa técnica e o nosso material eram mais do que incipientes, uns organizados por informações, outros arrancados à confissão de prisioneiros ignorantes na matéria em apreço, e ainda outros executados em reconhecimentos a viva força, no interior das linhas inimigas.

Aqueles que já se viram em campanha sem o imprescindível concurso de uma carta, bem podem avaliar o inestimável tesouro que este atlas representa. E aqueles que buscam ensinamentos na história militar, bem podem apreciar o suplicio da ausência de um mapa e a indiscutível eloquência de um simples esboço em que três linhas mal traçadas falam mais do que páginas e páginas de retórica muitas vezes confusa e inconveniente.

c) *História das campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai.*

Como missão do Governo da República — diz o próprio autor — foi-lhe confiado, em Julho de 1892, escrever a história das campanhas de 1864 a 1870, com o objetivo de desenvolver o espírito militar e aperfeiçoar conhecimentos táticos e estratégicos apropriados às condições do meio geográfico sul-americano (pag. 8).

Jourdan dividiu a obra em 6 volumes e chegou a escrever todos eles. Infelizmente, porém, só os tres primeiros vieram a lume em 1893 e 1894, editados pela Imprensa Nacional. Compreendem eles as campanhas do Uruguai e de Mato Grosso e parte da guerra do Paraguai (até os primeiros meses do ano de 1866). Os tres outros, de 1866 a 1870, certamente os mais valio-

sos da obra, entregues à instituição oficial incumbida da impressão, lá desapareceram em um incêndio ou “foram vendidos a peso, como papel velho, após o referido incêndio” (Informações do Tenente-Coronel Rodolfo Emílio Jourdan).

Senhores! Permiti um parêntesis.

Vós sois, na maioria, escritores. Sabeis quanto custa levar ao papel, em síntese coordenada, a profusão de idéias que avultam no cérebro. Conheceis o alívio da inteligência e da própria consciência quando essas idéias tomaram forma concreta que é a matéria escrita, o desenho meditado e dificilmente obtido. Ao trabalho continuado por longos e longos anos, dias e noites perdidas às centenas, estudo, reflexão, consultas e mais consultas a personalidades eminentes, livros e bibliotecas, somai dinheiro dispendido por homem de trabalho e de recursos parcíssimos. Integrai tudo isso, que tudo isso fez o Coronel Jourdan, e bem podereis imaginar o profundo abalo que teria sofrido ao ver desaparecer nas chamas, quiçá criminosamente malbaratado, o seu imenso, o seu maior trabalho!

Felizmente poupou-lhe a providência esta grande mágua, pois o desaparecimento dos três últimos volumes de sua obra data de 1912, e ele já havia falecido em 1900.

Voltemos ao assunto que nos ocupava a atenção: Campanhas de 1864 a 1870.

Não preciso fazer a apologia da obra, já muito conhecida, já demoradamente estudada. Basta lembrar que antes dela havia documentos esparsos, de autores nacionais e estrangeiros, salientando-se a obra de Schneider, que mereceu inúmeras e luminosas anotações do Barão do Rio Branco.

Depois de Jourdan é que vieram o Marechal José Bernardino Borinann em 1897 (História da Guerra do Paraguai) e em 1907 (A Campanha do Uruguai), o General Dionísio Cerqueira, em 1910 (Reminiscências da Guerra do Paraguai), o Coronel J. S. Torres Homem em 1911 (Anais das Guerras do Brasil), Genserico de Vasconcelos em 1925 (História Militar do Brasil), e por último o nosso eminente consócio, o Exmo. Sr. General

Augusto Tasso Fragoso, em 1934, com esse monumento de erudição, de verdade histórica, de labor honesto e porfiado, de estratégia e de tática, que é a sua grande obra intitulada "História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai".

Estes, mestres na história e na arte da guerra, melhor do que eu terão apreciado, mais do que eu testemunham ainda o valor das obras deixadas ao Brasil pelo Coronel Emílio Carlos Jourdan.

Senhores:

Não tive preocupação de fazer o elogio do patrono da cadeira que me foi confiada.

Limitei-me a expôr sua vida e sua obra, tão simples, tão modesta e tão valiosa, como simples, modesto e valoroso foi o Coronel Emílio Carlos Jourdan.

  
SAUDADES

*General Francisco José Pinto*

*Cel. Genserico de Vasconcelos*

SAUDADES  
